

DESERTO DE HOMENS E DE IDÉIAS OU PARAISO DE MISTIFICADORES EM GERAL?

Dizem que o Brasil é um deserto de homens e de idéias.

Mais acertados talvez andariam, se afirmassem que é o paraíso dos charlatães e presunçosos de marcas várias, capazes das maiores mistificações e das generalizações mais absurdas.

Qualquer que seja o terreno da cultura que palmilhemos, sempre é seguro defrontarmo-nos com representantes inconfundíveis dessa fauna de psêudo-cientistas.

Sociologia, biologia, física, antropologia, em tudo é grande a má-fé e quase inexistente o escrúpulo.

Fiquemos na antropologia, como quer que a compreendamos, física ou cultural, não importa.

Em boa verdade, que é que ela representa no Brasil? Excetuado um pugilo de autênticos apóstolos da ciência, que labutam em São Paulo, e uns poucos mais, de residência fixa no Rio, aos quais poderíamos acrescentar alguns autênticos representantes da idônea antropologia americana, e certos estudiosos dos Estados, o resto é de uma inépcia, fatuidade e partipris, de causar asco.

As próprias informações e estatísticas oficiais (ou quase isso) não fogem à regra. Basta dizer que a distribuição racial brasileira é feita, do ponto de vista arianista, para impressionar o estrangeiro, como se lá não nos conhecessem melhor do que nós nos conhecemos. E isso tudo com base nas 2.000 fichas que um despretençioso confrade nosso organizou em 1922, como simples curiosidade, porquanto jamais se lhe ocorrera dar valor absoluto às mesmas, num país de 52.000.000 de habitantes.

Se do oficialismo passarmos às monografias e contribuições particulares, então, o desastre será completo.

Para exemplo, mencionemos o dislate do afro-brasileiro Rodrigues de Carvalho, de que o nordestino é uma espécie de malaio, com 50% de negro, 40% de índio e 10% de branco. Pois bem, essa tolice percorreu o Brasil todo e, hoje, muitos são os sociólogos e antropólogos que a repetem, irrefletida e inexplicavelmente. Desde quando o malaio (que é mongolóide, como o nosso índio) pode ser considerado negróide, é coisa que nunca saberemos, nem cientista algum nê-lo poderá dizer.

E, no entanto, todos os tratadistas a citam, como verdade incontestável.

Vejamos, agora, alguns desses mestres, que constituem tabús incontestáveis. O saudoso Professor Artur Ramos é típico.

Em seus livros, mais de uma vez, declara que o índio com quase nada contribuiu para a formação do povo brasileiro. Paradoxalmente, porém, toda vez que deplora a indolência, o cangaceirismo, as más qualidades, enfim, do brasileiro, lá vem a carga para os ombros do índio, do mameluco e derivados.

Mas, quando surge algum vulto de certa importância, nas letras, ciências ou artes, para não mencionarmos os demais setores da atividade humana, e que tenha sangue indígena nas veias, o mesmo é, logo, subtraído para as hostes de Cam.

Ora, é preciso que se acabe essa palhaçada, que já nos está diminuindo aos olhos do mundo civilizado.

Por que é que não dizemos, de uma vez, que somos um povo mestiço, mas, mestiço de três raças diferentes, em vez de duas, como querem os arianistas, de um lado, e os afronegristas, de outro, a imitarem os modelos norteamericanos, em cuja terra, por sinal, o índio quase não entrou no melting-pot?

Por que não fazemos a junção de todos os esforços regionais isolados, que se verificam através de excelentes monografias, como, verbi gratia, a 'Paraíba e seus Problemas', de José Américo, o 'Outro Nordeste', de Djacir Menezes, etc., etc.? Esses trabalhos, reunidos, nos dariam uma visão exata das populações brasileiras.

Ao revés, o que se observa é a tendência permanente à superficialidade, à generalização e, o que é mais condenável, ao narcisismo racial.

Tudo isso seria muito divertido, se não fosse por demais lastimável, neste século da bomba atômica e do progresso acelerado em todos os sentidos, mesmo no da dignificação conjunta de todos os humanos, quaisquer que lhes sejam as características étnicas ou os elementos culturais em geral.

Que a imitação cega dos máus modelos cesse, de uma vez, pois já é tempo de fazermos uso da nossa própria cabeça, solicitando à alheia o que apenas realmente merece tal!